



Felipe Mesquita

CelulArte: possibilidade literária em rede

Carlos Alexandre R. de Oliveira

Graduado em Letras, licenciatura plena em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Aluno do curso de Especialização em Ensino de Leitura e Produção de Textos (FALE/UFMG). Professor de Educação Básica em redes pública e privada do Estado de Minas Gerais.

Como aluno do curso de Especialização em Ensino de Leitura e Produção de Textos (FALE/UFMG), tive acesso às teorias de rede, especialmente à idéia de *hipertexto*. Enquanto professor de Língua Portuguesa, comecei a trabalhar com essas novas teorias, a partir do suporte do aparelho celular, cujo uso é proibido na Escola Estadual Reny de Souza Lima, em Santa Luzia-MG. Utilizei o celular nas turmas da 3ª série do Ensino Médio com a finalidade de estimular sua leitura e sua produção de textos literários que, apesar de breves - poemas em tela - fossem capazes de provocar a interação dos alunos e fazê-los buscar o prazer da leitura e da interpretação de poesias.

Essa idéia partiu da leitura e da interpretação de poemas do livro *Distraídos venceremos*, de Paulo Leminski, as quais foram associadas às comemorações do Centenário da Imigração Japonesa que ocorreram neste ano de 2008 e não estava previsto no plano de curso. Tudo começou com a idéia de trabalhar somente leitura e interpretação, mas os alunos tiveram um enorme interesse pelos poemas "curtos" (nome dado por eles aos poemas), pela obra e pelas propostas da literatura japonesa. Assim, resolvi trabalhar o gênero *haikai*, que designa poemas "curtos" e interativos, pois sua simbologia utiliza elementos sutis da natureza, ou seja, qualquer parte da natureza pode tornar-se símbolo e fazer parte da composição de um *haikai*.

Mas como utilizar o aparelho celular para escrever poesias? Tivemos uma série de dificuldades pois os alunos queriam escrever poemas muito extensos. E uma das características do *haikai* é que o mesmo seja escrito em três linhas. Então, deixei-os escrever textos extensos e propus passá-los para a tela do celular, e depois enviá-los a um colega de sala. No decorrer da atividade, os poemas chegavam fragmentados em outros celulares e não dava para visualizá-los de forma coerente porque os versos chegavam em ordem inversa. Portanto, tivemos que adotar as características do *haikai* e utilizá-las na tela do celular. Isso foi possível porque os aparelhos têm um recurso de recebimento de textos (o *Short Message Service* - SMS), que permite mostrar na tela textos muito curtos, com até 140 caracteres. Resolvida a questão da nova tecnologia de escrita, a produção foi fantástica: os alunos começaram a produzir pequenos textos poéticos e avançaram na invenção de formas e imagens. Sem querer, acabamos entrando no mundo da poesia concreta, o que me levou a pensar no desenvolvimento de um novo projeto de ensino/aprendizagem junto aos educandos.

Como forma de motivá-los a continuar escrevendo os poemas "curtos" e passá-los adiante, com o intuito de formar leitores e produtores de textos em rede, pedi que escrevessem numa lista números aleatórios de celulares sem identificá-los com o nome do proprietário. Depois, puderam escolher qualquer número de celular e enviar um *haikai* ao mesmo, despertando a curiosidade do receptor da mensagem e motivando-o a responder ou a tentar descobrir quem a escrevera - assim, estávamos trabalhando numa proposta para estimular a inteligência coletiva do grupo. Nesse processo, formamos uma rede literária, por meio da qual estamos atuando até hoje. Bem, vocês devem estar pensando: como eles conseguiram tantos créditos nos celulares para o envio das mensagens, sendo esse um recurso muito caro? Mas nós desenvolvemos a atividade no momento em que as operadoras estavam oferecendo planos de bônus.

Os alunos descobriram o prazer que a produção literária poderia proporcionar a partir de uma escrita móvel. A relação dos alunos com o celular, a partir dessa interação em rede, deixou de ser apenas uma brincadeira, uma prática utilitária ou mesmo uma relação de poder (ter o melhor aparelho). Também a desobediência às normas escolares (que proíbem seu uso) foi re-direcionada para outras possibilidades: sua utilização foi permitida e passou a ser uma busca do prazer de ler e escrever textos literários "curtos" e significativos. Essa visão humanizadora do ato de escrever possibilitou diversas transgressões conscientes do ato de registrar sistematicamente o que se pensa. O ato de escrever tornou-se, então, a Arte de Escrever, sem medo, sem pressão, sem modelos autoritários: concretizado com a experiência viva dos próprios educandos, que presentificaram em suas produções os processos lingüísticos, intralingüísticos e extralingüísticos vividos pelo sujeito-autor.

Nesse contexto, a educação não é apenas uma ação técnica que, pela implementação de determinados procedimentos, realiza objetivos preliminarmente estabelecidos. Ela pode transcender o que está instituído, por meio da prática de atitudes transdisciplinares que considerem as várias manifestações de educandos e educadores, diante não só de objetivos cognitivos, mas também de movimentos atitudinais, políticos, filosóficos, vitais e culturais.